

OS TOPÔNIMOS NAS CARTAS DE SESMARIAS DE SERGIPE D'EL REY (1594-1623): MARCAS DA GÊNESE DE UMA TERRA

Cezar Alexandre Neri Santos¹

Lêda Pires Corrêa²

INTRODUÇÃO

Como parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Núcleo de Pós-Graduação de Letras, na Universidade Federal de Sergipe, este trabalho investiga os nomes de lugares relatados nas cartas de sesmarias da capitania de Sergipe Del Rey. Deveu-se ao período cronológico entre 1594-1623, por estarem estas transcritas na obra de Freire (1977) e digitalizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, bem como ser esta temporada anterior à invasão holandesa no território sergipano. Juntamente à Carta de Toloza, de 1575, as cartas sesmarias perfazem os documentos remanescentes mais antigos sobre essa região.

Mesmo não fazendo parte de um projeto maior dentre as linhas de pesquisa da UFS, pretende incitar outros tantos estudos de Toponímia, bem como ampliar as investigações sobre Sergipe colonial, assunto ainda pouco explorado, cientes de que tanto as alusões a Sergipe são circunstanciais nas obras de História do Brasil Colônia quanto os estudos de natureza lexicológico-lexicográfica são raros, legados a investigações tão-somente no escopo histórico.

Sergipe, por ser rota intermediária entre as maiores capitanias no Brasil do século XVI – Bahia e Pernambuco –, era tido como de extrema importância na consolidação dos planos de colonização luso-espanhola. A primeira destas era a capital da colônia de então; já o segundo recebia o influxo da capitania baiana, tanto do ponto de vista político quanto social. Preocupados em dirimir ainda mais essa distância, o reino e os colonos baianos tentaram coibir alguns possíveis desdobramentos, como a invasão de franceses e holandeses e a rebelião dos gentios. Tal empreitada não foi fácil, já alertava Freire (1995, p. 15): “os interesses econômicos deviam aproximá-los, tanto mais, quanto as comunicações marítimas eram mais difíceis de que mesmo da Bahia para Lisboa”.

Na tentativa de efetivação espacial da capitania sergipana, as etnias europeia e indígena – o elemento africano não foi encontrado no *corpus* investigado – se entrelaçam

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor Auxiliar de Língua Latina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do Grupo Interinstitucional de Lexicologia (GIPLEX). Email: cezarneri@hotmail.com

² Orientadora deste trabalho. Líder do GIPLEX e coordenadora do Núcleo de Pós-Graduação Letras (NPGL-UFS). Membro efetivo do Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL (GTLEX). Email: leda-correa@uol.com.br

numa teia cultural desuniforme, marcada por convívios nem sempre amenos e relações de poder na qual a Toponímia, numa perspectiva etnolinguística, expõe alguns desses encadeamentos. Isso porque, ao mesmo tempo em que alguns relatos de acidentes geográficos são omissos, outros fornecem dados preciosos que transcendem a mera investigação etimológica dessa nominata, já que é também possível, a partir dos topônimos relatados, investigar a localização, as dimensões e a forma de aproveitamento da terra, transferências, heranças, vendas ou desistências de terras, demarcando a presença humana – relação brancos e indígenas – no espaço e expondo aspectos sócio-físicopolítico-econômico-culturais-identitários materializadas no ato designativo.

PRINCIPAIS CONCEITOS TEÓRICOS

A linguagem, ao se constituir uma das principais características do homem, marca um dos fatores mais importantes de sua ação na sociedade, por meio dos processos de nomeação e designação das coisas do mundo, com as quais (re)conceptualiza e (re)constrói sentidos histórico-culturais e o léxico é o nível linguístico no qual se pode mais facilmente verificar um *zeitgeist* (espírito de tempo): os nomes de lugares são prova desta ação humana na sociedade. Nota-se a disputa entre o gentio e o português pela terra, na contínua tentativa de demarcar impressões, instituições, ideologias, enfim, sua superposição no espaço e no tempo. Ao registrar aspectos (extra)linguísticos circundantes ao ato denominativo da região, os topônimos atuam figurativamente como refletores de características físicas e antropoculturais do ser ou ambiente designados, retratando a mútua influência entre homem, ambiente, língua e cultura (SAPIR, 1969).

O signo topônimo é entendido em sua forma estrutural – grafia, origem e significado –, bem como discursiva – semântico-histórica, na qual estes documentos, que registravam a doação de terras aos colonos portugueses, alicerçavam a dominação de uma elite mercantil num território a ser povoado pelo branco civilizador também por meio da nomeação dos lugares ocupados. Como adverte Sapir (1969), “no caso dos léxicos especializados, (...) é importante assinalar que não são propriamente a fauna e os aspectos topográficos da região, em si mesmos, que a língua reflete, mas antes o interesse da nação nesses traços ambientais.”

A fundamentação teórica dos estudos toponímicos diz respeito a questões, entre outras, como (a) a arbitrariedade do signo linguístico; (b) a motivação iconográfica; (c) o relacionamento ideológico do símbolo com o local. Palavras são referências do real, não sua

única e pura imagem. E referências podem mesmo ser opacas, mas certamente constituem realidades extralinguísticas. Por a existência humana ter uma finalidade ativa, a investigação da nomeação da realidade pode ser considerada como a primeira etapa no percurso do espírito humano de conhecimento/dominação de um território.

Ao se debruçar sobre as motivações toponímicas no início da colonização sergipana – físicas, históricas, culturais, institucionais etc. –, neste caso os nativos indígenas e o europeu colono e (ou) religioso, busca-se interpretar os lexemas, principalmente de origem indígena, e a perpetuação de nomes portugueses como representações do *modus vivendi et cogitandi* de então. Na clara intenção de fazer pesquisa semântico-histórica comprometida com o resgate de uma comunidade silenciada pela colonização ultramarina, e ao reconstruir um de seus principais legados – o léxico toponímico – pretende-se também entender a organização territorial no início de Sergipe colonial.

METODOLOGIA

A partir da coleta de cerca de uma centena de topônimos nas cartas de sesmarias entre 1594 e 1623, dirigidas ao rei de Portugal, transcritas na obra História de Sergipe, de Felisbello Freire, partiu-se de leituras teóricas tanto dos estudos toponímicos, com DICK (1990a, 1990b, 2004) e CARVALHINHOS (2005), como da teoria onomástica, em PIEL (1979), ULLMANN (2004), atentando para as características do signo toponímico, dos atos de leximização e de lexicalização e da toponímia dentro das ciências do léxico. Quanto à historiografia colonial, DIEGUES Jr. (1959), PRADO Jr. (1996[1942]) e NOVAIS (1985 [1978]); sobre a historiografia sergipana colonial, FREIRE (1977, 1995), que constitui referência e fonte deste trabalho, MOTT (2008), SALOMÃO (1981), NUNES (1978) e GUARANA (1914).

São objetivos deste trabalho: a) constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas de sesmarias sobre Sergipe entre 1594-1623; b) catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas etc; c) classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas; d) buscar a influência das línguas em contato no território por meio de fenômenos gramaticais (ortografia, morfologia) e semânticos; e) construir um glossário toponímico de Sergipe colonial (1594-1623); f) confrontar o corpus

deste trabalho com outros de mesma temática: MOTT (2008); GOVEIA (2010); GUARANÁ (1914)³; g) registrar os topônimos em fichas lexicográfico-toponímicas.

Assim, propõe-se a listagem e descrição do corpus por meio de fichas lexicográfico-toponímicas (DICK, 2004), respeitando-se as especificidades, por se tratar de um trabalho diacrônico. Os campos indicados são: (a) Topônimo: nome do topônimo convencional e/ou mais conhecido; (b) Variantes gráficas: outras formas ortográficas encontradas no confronto com o *corpus* original. No caso desta pesquisa, o material foi coletado junto à 2ª edição de Freire (1977) e confrontado com os manuscritos digitalizados do IHGS; (c) Variante Cartográfico-lexical: descrição da existência de designação paralela para o topônimo; (d) Categoria: taxonomia baseado na classificação de Dick (1990a, 1990b); (e) Acidente Geográfico: qual o acidente físico ou humano do topônimo mencionado; (f) Microrregião: identificação do acidente no território sergipano, levando-se em conta o mapa atual do estado. Este é dividido pelas seguintes microrregiões: 1) Agreste Central Sergipano; 2) Alto Sertão; 3) Baixo São Francisco; 4) Centro Sul; 5) Grande Aracaju; (6) Leste Sergipano; (7) Médio Sertão; (8) Sul Sergipano; (9) localização desconhecida⁴; (g) Origem: descrição da procedência linguística do topônimo: g1) Portuguesa; g2) Africana; g3) Indígena; g4) Hibridismo – formados por duas ou mais línguas, como, por exemplo, a língua portuguesa e a indígena, ou a língua portuguesa e a africana; g5) n/e – não encontrado: quando não se encontrou informações suficientes para esclarecer a origem do topônimo; (h) Etimologia: item que trata da história e da origem da palavra ou dos elementos constituintes da mesma, trazendo o(s) possíveis significado(s) do vocábulo. Para tal, baseou-se nos trabalhos lexicográficos de Guaraná (1914), Sampaio (1901), Bueno (2004) e Tibiriçá (1997). Para as explicações etimológicas, vale-se das seguintes obras: (h1) *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva; h2) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado; h3) *Aurélio Eletrônico*, dicionário baseado na edição impressa do *Novo Dicionário Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; h4) *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha; h5) *Vocabulário tupi-guarani português*, de Francisco da Silveira Bueno; h6) *Dicionários de Topônimos de origem Tupi*, de Tibiriçá (1997); (i) Fonte: indica o local de onde foi coletado o topônimo. (j) Entrada lexical: elemento linguístico que servirá de base

³ Guaraná (1914) será confrontado sob a perspectiva de manutenção toponímica. Como esta obra trata de topônimos tupis encontrados no fim do século XIX, pretende-se inventariar quais topônimos se fazem ainda presentes após trezentos anos de colonização e, conseqüentemente, contato linguístico.

⁴ A subdivisão do estado em microrregiões é do século XX, ou seja, essa reorganização espacial não existia na época delimitada do estudo. Essa classificação explícita motivos climáticos, políticos, administrativos e judiciários, e é utilizada por uma questão didática, de melhor ordenação territorial dos topônimos estudados.

para análise do topônimo e futura pesquisa lexicográfica; Variante gráfica: diferentes grafias para o mesmo topônimo; (k) Estrutura morfológica: mostrar-se-á, quando possível for, a formação morfológica do topônimo, que pode ser k1) composto, k2) simples, k3) composto simples ou k4) híbrido simples; (l) Histórico: relato de informações da história do nome geográfico, como dados do designador, data e motivação de criação do topônimo, mudanças toponímicas, informações do banco de dados do IBGE, além de relatos na historiografia sergipana sobre o nome do lugar; (m) Informações enciclopédicas: referência dos topônimos de mesmo *corpus* em obras alheias, como Mott (2008) e/ou Goveia (2010); (n) Contexto: registro textual de relato do topônimo na carta, além da digitalização da crônica do topônimo em algum manuscrito; (o) Banco de Dados do IBGE: verificação junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas quanto ao registro deste topônimo no banco de dados da instituição – variáveis: sim/não.

PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Os códices em que se encontram as sesmarias de Sergipe Del Rey denotam certa organização cronológica. Divididos em quatro pastas, os fólios mais antigos datam de 1696 e sua numeração foi visivelmente feita *a posteriori*, em caneta esferográfica azul no centro superior dos fólios. Tais interpolações parecem ser já do século XX. Os manuscritos, pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), foram digitalizados pela equipe da própria instituição na década de 2000. Para publicizar o acervo sesmarial estes documentos estão disponíveis para aquisição por meio de CD-ROM pelo valor de cinco reais.

Há diversos indícios de deterioração nos documentos, corroídos pela ação da acidez da tinta que, por vezes, tomam 40% dos fólios, bem como manchas geradas pelo tempo devido ao mau acondicionamento dos documentos. A qualidade da tinta por vezes dificulta a leitura a contento. Há fólios cujas pontas estão dobradas e/ou rasgadas devido ao modo de conservação, bem como interpolações de terceiros, como a sublinhação *a posteriori* em alguns fólios. A grafia dos escreventes é relativamente inábil e não há necessariamente um padrão ortográfico. No final de cada carta, há a assinatura do capitão-mor correspondente, confirmando o despacho do pedido.

A escolha por estes documentos se explica por tratarem da mesma temática: petições de terra no território sergipano, fato historicamente recorrente no Brasil colonial, bem como por serem as fontes mais antigas que fazem referência ao processo de ocupação do solo sergipano. Também o período relativamente harmônico de tais cartas (1594-1623)

oferece mais confiança às conclusões tiradas neste trabalho. Isso porque, como já dito, trata-se da estação anterior à invasão holandesa (1624) e à queima da cidade de São Cristovão (1637).

Do ponto de vista paleográfico e codicológico, pode-se inferir que os fólhos não apresentam linhas ou margens e o material da escrita é tinta. A letra é cursiva moderna, com caudas inclinadas à esquerda e hastes à direita. A marcação das maiúsculas e minúsculas não apresenta rigor. O papel está parcialmente carcomido pelo tempo e papirófagos. Os fólhos nº 53 e 53v estranhamente possuem traços verticais no meio do texto, como se se quisesse anular tal documento. Colocar figura da sesmaria com rasura no meio

Felisbelo Freire, quando da transcrição das cartas, optou por desdobrar as abreviaturas, e na segunda edição (1977) a ortografia é atualizada para o acordo ortográfico de 1971, como em, por exemplo, *Coadros* > *Quadros* (f. 11). Freire descreve na íntegra a carta de sesmaria de Thomé Fernandes (f. 18v-19) e em todas as outras cartas apenas abreviando “*Saiban que etc.*” o introito protocolar próprio das petições oficiais de então. Foi encontrada mais de uma centena de topônimos, isso sem contar as várias menções a nomes de pessoas enquanto marcação geográfica – os chamados antropotopônimos. Alguns desses sesmeiros são tão influentes que são hoje nomes de municípios sergipanos, a exemplo de *Simão Dias* e *Riachão do Dantas*. Ao confrontar estudos anteriores com o mesmo intento, só que na área de história, como Mott (2008) e Goveia (2010), notam-se que as dificuldades antes atestadas se confirmam, como a os reincidentes erros de transcrição feitos por Freire, cabendo um trabalho filológico de crítica textual para a desmistificação de prováveis incoerências de grafia do *corpus*.

Os topônimos de origem tupi são maioria, cerca de 85%, com amplos números para os nomes de lugares de natureza física. Muitos fazem menção à fauna, à flora e aos cursos d’água da região, como jacarés e siris. Não à toa, as categorias mais recorrentes são zootopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos. Também nota-se, ainda que discretamente se comparado aos tempos hodiernos, a presença de Igreja Católica na rede toponímica da capitania neocolonizada – os hierotopônimos: *aldeia dos Padres*, *cidade de São Cristovão*, *esteiro de Santa Maria* etc.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Alguns topônimos têm sua única menção na historiografia sergipana nesses documentos sesmariiais, o que demonstra a importância de seus registros, bem como que a mudança toponímica denota a superposição europeia sobre muitos acidentes geográficos, demarcando relações de poder quando da consolidação do contato socio-étnico-linguístico

entre portugueses e indígenas (e africanos) nos séculos posteriores. Assim, não há como negar que a investigação dos topônimos nas cartas de sesmarias reflete marcas linguo-culturais do estágio primário da colonização do território entre os rios Real e São Francisco, fronteiras do território sergipano.

REFERÊNCIAS

- DICK, M.V.P.A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a;
- _____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2ª ed., São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990b;
- _____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. v.II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.121-130;
- FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes/Governo de Sergipe, 1977;
- _____. *História Territorial de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe. Secretaria de Estado da Cultura/ FUNDEPAN, 1995;
- GOVEIA, Iara. *As cartas de sesmarias: índice temático e toponímico*. Trabalho de Conclusão de curso de História, Universidade Federal de Sergipe, 2010;
- MOTT, Luiz. *Sergipe colonial e imperial*. Aracaju: Editora da UFS, 2008;
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989;
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62;
- TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. São Paulo: Traço, 2ª ed, 1997.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5ª ed. Lisboa: (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2005.
- VILELA, Mário. *Estruturas Léxicas do Português*, Coimbra: Livraria Almedina, 1979;